

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE HUSSERL E HEIDEGGER PARA A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA

Virginia Moreira*

RESUMO. Este artigo tem como objetivo descrever as possíveis contribuições das filosofias de Edmund Husserl e Martin Heidegger para o desenvolvimento de uma clínica fenomenológica. Reconhece-se que Husserl, com sua Psicologia Fenomenológica, inaugura uma psicologia da subjetividade que pode servir de base para a clínica fenomenológica. O artigo também discute as contribuições e possíveis limitações das propostas clínicas de Ludwig Binswanger e Medard Boss, que procuram fundamentar-se na Analítica do *Dasein* de Heidegger, e propõe a fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, que retoma o último pensamento de Husserl tendo como fio condutor o conceito de *Lebenswelt*, como um caminho fecundo para a clínica fenomenológica.

Palavras-chave: Husserl; Heidegger; clínica psicológica.

HUSSERL'S AND HEIDEGGER'S POSSIBLE CONTRIBUTIONS TO CLINICAL PHENOMENOLOGY

ABSTRACT. This article aims to describe the possible contributions of Edmund Husserl's and Martin Heidegger's philosophies to the development of a phenomenological clinic. It recognizes that Husserl, with his Phenomenological Psychology, inaugurates a psychology of subjective, which may serve as basis to the phenomenological clinic. It discusses the contributions and possible limitations of Ludwig Binswanger's and Medard Boss's clinical proposals, which aim to be funded on Heidegger's Analytic of the *Dasein*. It suggests Merleau-Ponty's existential phenomenology, which retakes last Husserl's thought having as conducting wire the concept of *Lebenswelt*, as a fecund way to the phenomenological clinic.

Key words: Husserl; Heidegger; psychological clinic.

POSSIBLES CONTRIBUCIONES DE HUSSERL Y HEIDEGGER PARA LA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA

RESUMEN. Este artículo tiene como objetivo describir las posibles contribuciones de las filosofías de Edmund Husserl y Martin Heidegger para el desarrollo de una clínica fenomenológica. Reconoce que Husserl, con su Psicología Fenomenológica, inaugura una psicología de la subjetividad, que puede servir de base para la clínica fenomenológica. Discute las contribuciones y posibles limitaciones de las propuestas clínicas de Ludwig Binswanger y Medard Boss, que se proponen a tener como fundamentó la Analítica del *Dasein* de Heidegger. Sugiere la fenomenología existencial de Merleau-Ponty, que retoma el pensamiento del último Husserl teniendo como hilo conductor el concepto de *Lebenswelt*, como un camino fecundo para la clínica fenomenológica.

Palabras-clave: Husserl; Heidegger; clínica psicológica.

Ainda que encontremos referências ao termo fenomenologia em pensadores do século XVIII - como Lambert (1728-1777), Kant (1724-1804) e Fichte (1762-1814) - ou mesmo na famosa obra de Hegel *Fenomenologia do Espírito*, no início do século XIX a

fenomenologia, tal como hoje a entendemos, foi proposta inicialmente por Edmund Husserl (1859-1938) no fim daquele século como um novo método de fazer filosofia, uma tentativa de trazer a filosofia das especulações metafísicas abstratas para o contato

* Doutora em Psicologia Clínica, Pós-Doutora em Antropologia Médica (DSM-HARVARD), Professora Titular da Universidade de Fortaleza.

com os problemas reais, com a experiência vivida e concreta. Inspirada na *Psicologia Descritiva* de Franz Brentano (1838-1917), que foi professor de Husserl, a fenomenologia foi desenvolvida por sucessores deste, tornando-se uma das grandes correntes filosóficas do século XX (Moran & Mooney, 2002).

A fenomenologia (do grego *phainesthai*, aquilo que se apresenta ou que se mostra, e *logos*, explicação, estudo) afirma a importância dos fenômenos da consciência. Mais que um método, ela deve ser considerada um movimento de pensadores extraordinários, alguns deles assistentes pessoais de Husserl, como Edith Stein, Martin Heidegger, Eugene Fink e outros como Max Scheler e Karl Jaspers, que desenvolveram outras ideias em fenomenologia, em contato direto ou em paralelo ao pensamento de Husserl na Alemanha. Levada para a França por Emmanuel Lévinas, com a tradução para o francês de *Meditações Cartesianas* (1931), a fenomenologia teve aí um desenvolvimento próprio através do pensamento de Maurice Merleau-Ponty, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Paul Ricoeur e Michel Henry, entre outros.

Podemos dizer que todos estes pensadores foram, de alguma forma, críticos “internos” da proposta husserliana, ou seja, de uma maneira ou de outra parte dela. Todos eles se tornaram grandes nomes da fenomenologia, com maiores ou menores repercussões nas teorias psicológicas e psiquiátricas. Não obstante, Martin Heidegger, assistente de Husserl, foi seu maior crítico, de tal forma que alguns consideram Husserl como o criador da fenomenologia e Heidegger seu transformador (Moran, 2000).

Em 1939, para proteger os escritos de Husserl de possíveis destruições nazistas, estes foram clandestinamente transportados para a Universidade Católica de Leuven, na Bélgica, onde foram criados os *Husserl-Archives*. Muitos destes manuscritos foram coligidos na *Husserliana*, uma série de edições publicadas inicialmente em alemão, com traduções mais recentes para o francês e o inglês. Ou seja, no Brasil, o último Husserl, o Husserl da Husserliana, base do pensamento de Merleau-Ponty, tal como será discutido adiante neste artigo, até muito recentemente foi pouco conhecido, tendo-se em vista a inexistência, até o momento, de edições desta obra em português. Isto explica uma compreensão frequentemente restrita ao primeiro Husserl, o da fenomenologia transcendental, quando ele mesmo, em seus últimos escritos, já encaminhara seu pensamento no sentido do mundo vivido (*Lebenswelt*).

HUSSERL (1859-1938)

Do Idealismo Transcendental à Psicologia Fenomenológica

Tal como originalmente formulada na Alemanha por seu fundador Edmund Husserl (1859-1938), a fenomenologia pode inicialmente ser caracterizada como o estudo descritivo “despreconceituoso” (no sentido da palavra de “sem um conceito prévio”) do que aparece na consciência, precisamente na maneira como aparece. “A discussão de intencionalidade de Brentano inspirou Husserl, que viu nela a possibilidade de uma *ciência da consciência pura*, removida de construções causais e naturalísticas” (Moran & Mooney, 2002, p. 12).

Segundo o *slogan* do próprio Husserl (1985), a fenomenologia tem como objetivo “voltar às coisas mesmas”, sendo, em primeira instância, descritiva, buscando clarificar temas despojados de conceitos preconcebidos, tal como aparecem. Husserl fala com frequência de descrição fenomenológica como clarificação, iluminação, no sentido de elucidar o significado do fenômeno em questão. Tendo em vista sua preocupação em tratar o fenômeno em sua totalidade e concretude, a fenomenologia se opõe ao naturalismo, ao reducionismo, ao cientificismo ou outras formas de explanação que desloquem a atenção da maneira como aparece o fenômeno em questão.

A fenomenologia de Husserl critica todas as formas de objetivismo, focalizando especificamente as maneiras como os objetos são constituídos na experiência do sujeito, a estrutura e qualidade do objeto tal como experienciado pelo sujeito. No primeiro Husserl – o das *Investigações Lógicas* (1901) –, estamos falando da experiência da consciência no mundo, sua análise transcendental da estrutura da consciência pela busca das essências, que permanece, ainda hoje, como introdução mais popular do pensamento husserliano. Isto explica o fato de ainda hoje, quando se fala de fenomenologia, frequentemente se estar falando da fenomenologia transcendental de Husserl em sua busca das essências na estrutura da consciência.

Para Husserl (1985), a consciência não é uma substância (alma), mas uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, volição, paixão etc.) com os quais se visa a algo. Husserl chama a esses atos de *noesis*. Aquilo que é visado pelos atos é nomeado por Husserl de *noema*. Cabe à fenomenologia revelar o que há de essencial nestes atos. O traço essencial da consciência é a intencionalidade: toda consciência “é consciência de algo”, diz Husserl.

Entendendo a fenomenologia como a ciência fundamental para todas as ciências, Husserl (1985) insistia em que esta deveria ser um método sem pressuposições, ou seja, as descrições deveriam evitar pressupostos da filosofia moderna ou das tradições científicas. Obviamente, é problemático não ter como ponto de partida nenhum pressuposto, tal como formula Husserl em seu idealismo transcendental, tendo-se em vista o enraizamento histórico do conhecimento humano, que torna impossível sua proposta radical “pura” na psiquiatria e na psicologia, que tem como objeto de trabalho e de estudo o ser humano em seu mundo.

O termo consciência passou a ser evitado por Heidegger (1989) e outros fenomenólogos existencialistas, porquanto consciência remete ao caráter dualista da relação entre homem e mundo: tenho consciência de algo – a análise intencional e descritiva da consciência definirá as relações essenciais entre atos mentais e mundo externo – o que remete ao fantasma da dicotomia sujeito-objeto, cuja superação sempre foi o objetivo primeiro dos fenomenólogos.

Gradualmente, na medida em que o conceito de mundo vai ganhando espaço em sua obra, Husserl (1985) propõe o conceito de redução fenomenológica, que passa a ser central na fenomenologia. O filósofo acreditava que a estrutura e os conteúdos da consciência são profundamente distorcidos pela maneira do nos engajarmos na vida cotidiana. No sentido de se assegurar contra teorizações, Husserl propôs a *epoché* fenomenológica, ou suspensão da atitude natural. A redução é a operação pela qual a existência efetiva do mundo exterior é “posta entre parênteses” para que a investigação se ocupe apenas com as operações realizadas pela consciência, sem se perguntar se as coisas visadas por ela realmente existem ou não. Através da redução, Husserl pretende “suspender” a tese do mundo natural.

Conquanto seu comprometimento oficial seja com o idealismo transcendental da análise da estrutura da consciência, ao longo de sua obra Husserl caracterizou a essência do fenômeno de distintas maneiras, passando, em sua etapa mais madura, a dar mais atenção à corporeidade e intersubjetividade (ainda que esta preocupação já estivesse presente anteriormente). Estas ideias serão retomadas enfaticamente na fenomenologia mundana de Merleau-Ponty, bem como na experiência do outro ou de alteridade, desenvolvida na ética da alteridade radical pela fenomenologia de Emmanuel Lévinas.

Psicologia Fenomenológica

Na última obra de Husserl, a *Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1936/1970), a análise do “mundo vivido” (*Lebenswelt*) aparece como indissolúvelmente ligada e enraizada na experiência humana, o que oferece um “corretivo” para o reducionismo científico do idealismo transcendental, inicialmente ambicionado por ele e tão criticado por todos os fenomenólogos existencialistas (em especial os existencialistas radicais franceses: Lévinas, Sartre, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir) que o sucederam.

Em seus últimos escritos Husserl focaliza o que ele chamou de experiência predicativa, ou seja, a experiência antes de ser formulada em julgamentos e expressada linguisticamente. A noção de *Lebenswelt* (mundo vivido) torna possível a “passagem” da fenomenologia transcendental à fenomenologia existencial, que é aquela que pode contribuir para a psicoterapia. É esta última fase, a do Husserl da *Crise*, que, revisada por Goto (2007), mostra que, na verdade, Husserl foi o primeiro a falar de uma *Psicologia Fenomenológica*, o que se deu na primeira metade do século XX. Ele concebeu esta nova disciplina com o objetivo de falar da vida “interna” tanto na filosofia como na psicologia empírica já estabelecida desde o final do século IX. A psicologia de sua época estudava o observável, o “externo” – o objetivo. A concepção de *Psicologia Fenomenológica* passou a compor o projeto fenomenológico de Husserl na sua busca de um fundamento para a subjetividade. Esta psicologia descreveria as estruturas psíquicas como tal para assim se chegar às estruturas transcendentais da subjetividade (Goto, 2007).

É possível afirmar, com o último Husserl, que a autêntica e genuína concepção de psicologia fenomenológica é importante para a psicologia clínica e para a psiquiatria, porque é com o desenvolvimento desta disciplina que se poderá resgatar a subjetividade como fonte originária da vida humana e sua correlação com o *Lebenswelt*. Segundo Goto (2007, p. 187), apesar de Husserl ter criticado a psicologia convencional e ter refutado o psicologismo existente na filosofia moderna, manteve sempre a fenomenologia ligada a ela.

Husserl conclui que a psicologia fenomenológica e a fenomenologia transcendental são inseparáveis, visto que, de maneiras distintas, percorrem o mesmo caminho até a subjetividade. Em sua última obra Husserl define a psicologia fenomenológica como uma ciência *a priori* e universal da vida anímica. Uma ciência que se ocupa exclusivamente das estruturas internas, ou seja, das estruturas subjetivas puras, que são, para o filósofo, estruturas proto-originárias da

própria vida. Deste modo a psicologia não deve se ocupar de experiências externas como faz a psicologia científica, seguindo o modelo da física e da fisiologia, mas ao contrário, deve orientar-se exclusivamente para a vida interna, experiência anímica interna, constituídas pelas vivências intencionais (Goto, 2007, p. 187).

O último Husserl, que propõe o conceito de *Lebenswelt*, apresenta então, claramente, uma nova psicologia, diferente da psicologia científica, que deve cuidar da subjetividade humana em vez de se preocupar com a observação de comportamentos objetivos. Deste modo, Husserl inaugura uma psicologia da subjetividade, o solo fecundo no qual se desenvolverão mais tarde as fenomenologias existenciais, que serão, por sua vez, desenvolvidas em diferentes pensamentos psiquiátricos e psicológicos ligados a uma clínica fenomenológica.

Para a clínica fenomenológica não faz sentido uma fenomenologia “não existencial”, porquanto o psicólogo clínico ou o psiquiatra estará sempre a serviço do outro, em uma relação intersubjetiva. Assim, na fenomenologia fundada por Edmund Husserl estão os germes dos vários caminhos (e descaminhos) do desenvolvimento contemporâneo da clínica psicológica e psiquiátrica de base fenomenológica e existencial via conceituação de psicologia fenomenológica, que tem como foco a subjetividade; porém, embora não se possam esquecer outros grandes nomes da fenomenologia - como Scheler, Jaspers, Stein, Sartre, Beauvoir, Patocha e outros - é importante sublinhar aqui os desdobramentos deste movimento no que se refere, mais especificamente, ao caráter existencial da fenomenologia, ou à relação entre homem e mundo, através de dois grandes momentos, com Heidegger e Merleau-Ponty. É sua fenomenologia existencial que pode ser utilizada com mais sucesso na clínica, seja na psiquiatria, seja na psicologia. Apesar de entendermos Husserl como o iniciador de todo este movimento e de ainda no último Husserl encontrarmos a sua psicologia fenomenológica que inaugura a psicologia subjetiva, sua contribuição contemporânea para a clínica fenomenológica se destaca, principalmente, em seu caráter metodológico.

A retomada do “*Lebenswelt*” por Merleau-Ponty

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), contemporâneo de Sartre e Lacan, realiza, no seu famoso prefácio da *Fenomenologia da Percepção*, sua tese de doutorado publicada em 1945, uma releitura existencialista da fenomenologia do último

Husserl. Para Merleau-Ponty (1945), a fenomenologia não é um idealismo transcendental, como afirmava o primeiro Husserl: seu destino é tematizar a existência, o *ser-no-mundo*. Ele ressitua a existência na essência e não pensa que seja possível compreender o homem e o mundo de outra forma que não a partir de sua facticidade. Coloca, assim, a fenomenologia husserliana com “os pés no chão”. Buscando uma fenomenologia existencial, de cunho eminentemente antropológico, Merleau-Ponty abole verdades herméticas e pensamentos idealistas. Sustenta que o conhecimento é sempre incompleto, uma vez que não existe um saber absoluto e a verdade é um movimento que vai se constituindo no campo perceptivo, caracterizando-se como um mistério inesgotável, uma gênese perpétua, sempre aberta (Moreira, 2007, 2009).

A filosofia de Merleau-Ponty, na sua busca por permanecer no plano do pensamento pré-reflexivo, desenvolve uma fenomenologia que se mantém aquém da dicotomia sujeito-objeto. Como assinala Claude Lefort, editor da sua obra póstuma *Le visible et l'invisible* (1964), este título, por si só, evoca um pensamento livre das categorias sujeito-objeto (Moreira, 2001, 2007, 2009), superando o pensamento dualista ocidental, sendo sempre movido em uma dialética cíclica, que nunca se fecha. A realidade é opaca, não existem verdades absolutas. O mundo tem contornos múltiplos, assim como a pintura de Cézanne. Merleau-Ponty (1964, 1970) supera definitivamente a dicotomia entre o mundo natural e o mundo cultural através da priorização do significado do *Lebenswelt* (mundo vivido), conceito que, consistindo no entrelaçamento da experiência subjetiva com a experiência objetiva, foi o fio condutor de todo o pensamento ambíguo merleau-pontyano (Moreira, 2009).

A fenomenologia de Merleau-Ponty dá continuidade direta ao pensamento do último Husserl. Neste sentido, é possível encontrar no pensamento de Merleau-Ponty, via conceito de *Lebenswelt*, um caminho fecundo para se pensar a clínica fenomenológica (Moreira, 2001, 2007, 2009).

HEIDEGGER (1889-1976)

Do Dasein A Daseinsanalyse

Martin Heidegger (1889-1976), ao criticar Husserl de ser intelectualista e cartesiano, abandonou os termos consciência e intencionalidade, centrais na fenomenologia transcendental de Husserl. O desenvolvimento próprio da fenomenologia de Heidegger era motivado por uma profunda

insatisfação com o tom metafísico husserliano em sua busca das essências da consciência. Para Heidegger, a fenomenologia husserliana era mais um projeto que havia perdido a historicidade essencial da natureza humana. Em sua obra *O ser e o tempo* (1927), para descontentamento de Husserl, Heidegger supera o conceito de consciência e propõe o conceito de *Dasein* (Moran, 2000).

Em sua terminologia [de Heidegger] *Dasein* deve substituir ‘sujeito’ ou ‘eu’, devido ao sentido de ser simplesmente dado que estes termos adquiriram na filosofia da consciência e da subjetividade do período moderno, incluindo aí a própria concepção husserliana de sujeito (Gonçalves, Garcia, Dantas & Edwald, 2008, p. 430).

Ainda como assistente de Husserl, na assim chamada “década fenomenológica” (1919-1929) Heidegger sempre rejeitara sua busca das essências através do método fenomenológico, chegando, inclusive, a ridicularizar a concepção de ego transcendental e outros aspectos centrais do pensamento de Husserl (Moran & Mooney, 2002). A contribuição do pensamento de Heidegger é inquestionável e inaugura – via fenomenologia do *Dasein* - a assim chamada fenomenologia existencial, base de escolas e linhas de pensamento contemporâneas em psicologia, psiquiatria, psicoterapia e psicopatologia, ainda que ele mesmo não se definisse como existencialista, no sentido de não pertencer ao Existencialismo enquanto movimento.

Em sua monumental obra *Ser e Tempo*, de 1927, Heidegger (1989) desenvolve uma interpretação ontológica do sentido do ser através de sua analítica do *Dasein*, focalizando sua análise no ser dos entes enquanto tal. Foge, assim, à via da metafísica clássica que recorre à descrição e classificação das características definidoras do existir dos entes. O termo *Dasein*, nesta perspectiva, refere-se ao existir humano que se dá como um acontecer (sein) que se realiza aí (Da), no mundo, sendo o próprio existir que consitui o aí em que se dá a existência. Nesse sentido, tendo-se em vista a “finitude” humana, a temporalidade e a historicidade serão fundamentais na análise heideggeriana do *Dasein*, já que que toda possibilidade de compreensão do existir humano dependerá justamente da temporalidade enquanto historicidade e finitude (Pereira, 2001).

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (1989) distingue dois planos: o ôntico e o ontológico. O ôntico é o plano relacionado à elucidação da existência do *Dasein*; o

ontológico é o plano da apresentação das estruturas existenciais do ser. As estruturas existenciais – denominadas de Existenciais fundamentais constituintes do *Dasein* - são: a temporalidade, a espacialidade, o ser-com-o-outro, a disposição, a compreensão, o cuidado (*Sorge*), a queda e o ser-para-a-morte. A existência do *Dasein*, caracterizada pela abertura do mundo e do sentido do ser e pela liberdade, se dá dentro destes existenciais, de maneira que as condições de possibilidade de uma existência dependerão dos horizontes da própria condição humana (Pereira, 2001). Assim, Heidegger, que se propusera a abordar o problema do ser utilizando-se do método fenomenológico de Husserl, na verdade o supera quando substitui o conceito de consciência pelo de *Dasein*.

A leitura da filosofia de Heidegger estrutura-se sobre conceitos fundamentais para a fenomenologia existencial tais como *Dasein*, ser-no-mundo, angústia, decisão. Todo o seu trabalho gira em torno do sentido de ser, seus modos e maneiras de enunciação e expressão. Desta forma ele explicita o engano da tradição de uma compreensão ôntica (do ente), em detrimento de uma compreensão ontológica (do ser). Estes temas, inicialmente colocados em *Ser e Tempo*, são desenvolvidos ao longo de toda a sua obra através de sua analítica do *Dasein*, uma teoria que se funda na “destruição” das teorias sobre a subjetividade do sujeito, particularmente das teorias de Husserl e de Kant. No contexto deste pensamento desconstrutivo não existe a cisão entre o sujeito e o objeto (Loparic, 2002).

É nos Seminários de Zollikon (Heidegger, 2001) que é possível aproximar a analítica do *Dasein* de Heidegger da clínica - psiquiátrica ou psicológica - psicoterapêutica. Este seminários foram organizados durante 10 anos, a partir de 1959, pelo médico psiquiatra Medard Boss em sua casa em Zollikon, na Suíça, para cerca de 50 a 70 psiquiatras e estudantes de psiquiatria. Nesta obra, que conta com a tradução de Medard Boss, dos seminários e de cartas trocadas com ele, Heidegger discorre sobre *Ser e Tempo* e, especificamente, sobre a *Analítica do Dasein ou Daseinsanalyse*, termo que virá a ser adotado como uma abordagem psiquiátrica por Binswanger e Boss.

Daseinsanalyse Psiquiátrica x Analítica do Dasein em Psicologia e Psiquiatria

Ludwig Binswanger

O termo *Daseinsanalítica*, utilizado por Heidegger em *Ser e tempo* para também designar sua Analítica do *Dasein*, foi utilizado pelo psiquiatra suíço

Ludwig Binswanger (1881-1966) como *Daseinsanalyse*. Na época sua proposta ficou conhecida como *Daseinsanalyse* Psiquiátrica. De formação psicanalítica, Binswanger criticava Freud por suas teorizações a respeito do inconsciente ou de um aparelho psíquico que reduziam o homem a um sistema ou esquema.

Ao longo da vasta obra de Binswanger (1961, 1970, 1971), o que de fato se pode observar é que a teorização de sua clínica fenomenológica não consegue se desprender do conceito de consciência, tal como pretendia, influenciado pela leitura de *Ser e Tempo* de Heidegger. Assim, conquanto se utilize do termo *Dasein* e cite Heidegger em vários de seus livros, seu pensamento permanece mais próximo de Husserl do que de Heidegger (Gonçalves et al., 2008; Loparic, 2002; Mattar & Sá, 2008; Tatossian, 2006). O próprio Binswanger chegou a reconhecer este fato (Boss, 2001), e por ocasião do I Congresso de Psiquiatria, em 1950, em Paris, propôs o termo “Análise Antropológico-Fenomenológica”. Não obstante, foi sob a denominação “Análise existencial” que seu trabalho passou a ser divulgado mais recentemente, agora com a sua concordância. Em 1950, no mesmo congresso, ele rejeitara esta denominação, por sua associação da palavra “existencial” ao existencialismo de Jean Paul Sartre que, em seu livro *O Ser e o Nada*, criticara Heidegger por este tomar como seu ponto de partida o *Dasein*, e não a consciência: “Ora [diz Binswanger], é justamente a ideia de *Dasein* que é importante para a psiquiatria, e não a de ‘consciência’” (Verdeaux & Khun, 1971, p. 30).

Na esteira do pensamento de Binswanger, mas também resgatando, eventualmente, o pensamento de Heidegger e de Boss, bem como de outros psiquiatras fenomenólogos europeus da primeira metade do século XX, não se pode deixar de mencionar a importante contribuição de Rollo May, introduzindo este pensamento nos Estados Unidos e criando o que passou a se chamar de Psicologia Existencial (May, 1986). A publicação do livro *Existence*, organizado por May, Angel e Ellenberger (1967), contando com capítulos do próprio Binswanger, tornou-se um marco na história da Psicologia Existencial norte-americana, que, naquele país, assumiu características específicas relacionadas ao próprio contexto. Seguiu, então, um caminho singular, entrelaçada ao movimento do potencial humano, que, por sua vez, contou com grandes nomes da Psicologia Humanista como Carl Rogers, Abraham Maslow, Gordon Allport, entre outros.

Embora a proposta de Binswanger tenha sido extensamente criticada até pelo próprio Heidegger (2001), devido “não somente a enganos conceituais, mas também à mistura de considerações ônticas, no caso psicológicas, com as ontológicas” (Loparic, 2002, p. 396), sua contribuição para a Psiquiatria e a Psicologia foi fundamental no sentido de criar uma nova perspectiva – a vertente clínica fenomenológica existencial. Binswanger pode não ter realizado o que se propôs: desenvolver uma *Daseinsanalyse* Psiquiátrica; mas, seguindo um caminho próprio, passou a ser comumente conhecido como o criador da Psicologia Existencial e o “pai da Psicopatologia Fenomenológica” (Van Den Berg, 1994).

Medard Boss

Medard Boss (1903-1990), médico psiquiatra também suíço, foi o responsável pelos seminários conduzidos por Heidegger em Zollikon de 1959 a 1969, editados no livro *Seminários de Zollikon, fundamento da Daseinsanalyse*, e presidente da Associação Internacional de *Daseinsanalyse*, fundada em 1971, em Zurique. A convite do médico e psicoterapeuta Sólon Spanoudis, Medard Boss participou, a partir de 1973, de alguns seminários em São Paulo, fundamentais para a introdução da *Daseinsanalyse* no Brasil.

Embora Boss e Binswanger estejam de acordo no que se refere aos princípios centrais da assim chamada *Daseinsanalyse* Psiquiátrica, Boss permaneceu mais perto das ideias originais de Heidegger. Enquanto Binswanger se utiliza dos conceitos heideggerianos de *Umwelt*, *Mitwelt* e *Eigenwelt*, Boss prefere os existenciais de Heidegger. Assim, ele se interessou, por exemplo, em saber como as pessoas viviam o corpo, o espaço e o tempo para além do tempo cronológico, por exemplo. Concorda com Binswanger no que se refere à importância de nossas relações com os outros e entende que não somos indivíduos trancados em nossos corpos, mas vivemos em um mundo compartilhado, “iluminando” uns aos outros.

O interesse de Boss pelo pensamento de Heidegger era eminentemente clínico. Acreditava que as considerações filosóficas da Analítica do *Dasein* poderiam ser úteis para a psicoterapia, tendo em vista que adoecer é uma constituição fundamental, comum a todos os homens (Mattar & Sá, 2008). Neste sentido, Boss e Condreau (1976, p. 26) definem a *Daseinsanalyse* como “antes de tudo e primordialmente, uma abordagem do conjunto dos fenômenos chamados normais e patológicos do existir humano. Mas esta abordagem não é mais que um

caminho, um meio de acesso. Não leva a um tesouro de conclusões científicas”.

Daseinsanalyse x Analítica do Dasein

Mattar e Sá (2008) lembram a diferença entre análise e analítica, assinalando que a escolha do termo por parte de Heidegger em sua obra *Ser e Tempo*, de 1927, foi “analítica” (*Analytik*) e não “análise” (*Analyse*). O moderno significado de “análise” o reduz a uma decomposição em elementos, em analogia com a química; no entanto, análise vem do grego *analisein*. Como historiado por Heidegger no Seminário de Zollikon de 23 de novembro de 1965, o primeiro registro desta palavra foi na Odisseia de Homero, ao descrever aquilo que Penélope fazia todas as noites: desfazer a trama que tecera durante o dia. Análise, então,

significa o destecer de uma trama, ou libertar, soltar alguém ou alguma coisa das amarras. O termo analítica, utilizado por Kant e retomado por Heidegger, não conduz a uma desintegração do fenômeno, mas sim, ao seu caráter originário, ao seu sentido, sua condição de possibilidade. A analítica tece e destece, para libertar o sentido que possibilita o tecido, para vislumbrar o próprio tecer e reter. Esta é a via pela qual Heidegger irá compreender a analítica. A *Daseinsanalyse*, análise da existência, é definida por ele em “Seminários de Zollikon” como o exercício ôntico da analítica ontológica empreendida em ‘Ser e Tempo’ (Mattar & Sá, 2008, p.189).

A analítica não pretende uma desintegração do fenômeno, não o divide, o que faria perder de vista o fenômeno como um todo, “a qual” deixaria de ser, metodologicamente, fenomenológico. Busca o caráter originário do fenômeno, sua unidade ontológica originária, os caracteres existenciais que constituem seu ser geral: temporalidade, espacialidade, corporeidade, cuidado, angústia, disposição ou humor e ser-para-a-morte. Nas palavras de Heidegger (2001, p. 141),

A finalidade analítica é, pois, evidenciar a unidade original da função da capacidade de compreensão. A analítica trata de um retroceder a ‘uma conexão em um sistema’. A analítica tem a tarefa de mostrar o todo de uma unidade de condições ontológicas. A analítica como analítica ontológica não é um decompor em elementos, mas a *articulação de uma unidade, uma estrutura*. Este é o fator essencial no meu conceito de ‘analítica

do Dasein’. No decorrer desta Analítica do Dasein em *Ser e Tempo* eu também falo de *Daseinsanalyse*, com o que quero dizer o exercer da analítica.

É público o fato de que Heidegger discordou, em vários aspectos, da forma como Binswanger desenvolveu uma *Daseinsanalyse* Psiquiátrica supostamente baseada no conceitos de *Ser e Tempo*. Em especial discordou do entendimento de Binswanger do seu conceito fundamental: o *Dasein*. A compreensão de Binswanger lhe parecia permanecer no plano do ôntico, aniquilando o que para ele era fundamental, o ontológico. Em manuscrito confiado a Medard Boss em Zollikon, em 8 de março de 1965, Heidegger (2001) afirma: “A ‘*Daseinsanalyse* Psiquiátrica’ retirou da Análise Ontológica-Fundamental do Dasein a constituição fundamental que em *Ser e Tempo* chama-se *ser-no-mundo* e a utilizou, baseando sua ciência unicamente nela” (Binswanger, 1970, p. 205). E no seminário de 23 de novembro do mesmo ano Heidegger (2001, p. 146) explicita:

No fim desta primeira aula precisamos voltar à pergunta da diferença entre analítica do Dasein e análise do Dasein. Isto sem levar em consideração a ‘*Daseinsanalyse* Psiquiátrica’ de Ludwig Binswanger. A fenomenologia de Husserl, que ainda o influencia, a qual permanece fenomenologia da consciência, impede a visão clara da hermenêutica fenomenológica do Dasein.

Conquanto Boss seja considerado o autor que se manteve bem mais próximo da proposta heideggeriana (Gonçalves et al., 2008), Loparic (2002) defende a ideia de que, como Binswanger, e, inclusive influenciado por ele em seu início, Boss também confundiu o ôntico e o ontológico, tal como Heidegger identificara em Binswanger (1970, p. 407): “Daí decorre uma suspeita adicional: a de que Boss, assim como Binswanger, não soube dar a sua *daseinsanalyse* o caráter de ciência factual, ôntica, em contraposição à analítica existencial de Heidegger, de natureza ontológica”.

Com tantos possíveis “enganos” quando da utilização do pensamento de Heidegger na Psiquiatria, o lembrete de Mattar e Sá (2008) a respeito da diferenciação entre análise e analítica é importante no sentido de pensarmos as tantas vertentes psiquiátricas e psicológicas na contemporaneidade que se intitulam como clínicas fenomenológicas, tendo como base tanto Freud como Heidegger, Husserl, Binswanger e outros autores. “Juntar” a *Daseinsanalyse*

heideggeriana com o método psicanalítico pareceria complicado para Heidegger (2001, p. 146), visto que ele entende que em seu método “não se retrocede, como fazia Freud, os sintomas aos elementos. Antes, pergunta-se por aquelas determinações que caracterizam o ser do Dasein com referência à sua relação com o ser de modo geral”. No entanto, Binswanger o fez de uma forma magistral, embora, “desvirtuando” o pensamento de Heidegger, tenha criado uma outra vertente.

CONCLUSÃO

Husserl e Heidegger, cada um à sua maneira, têm, sem dúvida, um grande potencial de pensamento a ser usufruído pela clínica fenomenológica nas Psicologias e Psiquiatrias; e quando mencionamos a Psicologia, estamos falando desta psicologia inaugurada por Husserl como uma psicologia da subjetividade, em detrimento da tradicional psicologia científica objetivista.

No que se refere à contribuição específica de Heidegger à clínica fenomenológica, vale a sugestão de Loparic (2002) de novas tentativas, que partam diretamente do *Dasein* de Heidegger sem, necessariamente, seguir o caminho de Binswanger ou Boss, que, como vimos, tem lá seus “atalhos”, sem que com isso suas contribuições à clínica fenomenológica sejam menos importantes. No sentido da criação de novas perspectivas para a clínica fenomenológica, é interessante mencionar Mattar e Sá (2008), que, realizando um exercício de pensar como se desdobraria clinicamente a atitude fenomenológica em uma psicoterapia de inspiração daseinsanalítica, descrevem as propostas brasileiras de Sá (2002) e Feijó (2004) como possíveis atuações do psicoterapeuta com atitudes que se relacionam aos princípios fundamentais colocados pela Analítica do *Dasein* de Heidegger.

Com relação à possível contribuição de Husserl à clínica fenomenológica, esta parece encontrar um importante lastro no pensamento do primeiro Merleau-Ponty, onde a noção de intersubjetividade, nascida com Husserl, se expande. Posteriormente, traçando um caminho próprio, a partir do último Husserl, via conceito de *Lebenswelt*, o último Merleau-Ponty acaba, com sua ontologia da *carne* – que tira o foco do sujeito, ou mesmo da intersubjetividade – aproximando-se do pensamento de Heidegger em sua Analítica do *Dasein*, o Ser-aí, o Ser-no-mundo (ainda que Merleau-Ponty raramente mencione Heidegger, partindo diretamente do pensamento do último Husserl). É esta fenomenologia existencial que tem

uma contribuição importante para a clínica fenomenológica.

As filosofias de Husserl e de Heidegger representam contribuições fundamentais, mas muito há para caminhar no âmbito da clínica. Sem estes grandes pensadores da nossa história não teríamos chegado até aqui. Como psicoterapeutas, psicólogos clínicos ou psiquiatras, chegou o momento de transcendermos não apenas uma clínica que se perpetua pensando em termos dualistas de subjetividade x objetividade (interno x externo, corpo x mente, somático x emocional, consciente x inconsciente), mas também em termos, unicamente de sujeito-sujeito (intersubjetividade), que, ainda que avance muito em relação à psicologia da relação sujeito-objeto, ainda se mantém dualista.

Muitos são os meios para esta tarefa. Um caminho interessante para a clínica fenomenológica, no sentido de transcender a intersubjetividade, mostra-se possível via noção de *intercorporeidade*, que desemboca no conceito de *carne* do último Merleau-Ponty: uma pista fecunda para se pensar uma clínica fenomenológica pré-reflexiva, do humano e do sensível; uma clínica fenomenológica do *Lebenswelt*, que busca compreender os significados do mundo vivido para aquém da dicotomia sujeito-objeto.

Agradecimento

Agradeço a Célio Freire, pelos valiosos comentários sobre a versão original deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Binswanger, L. (1961). *Psiquiatria existencial*. Santiago: Universitária.
- Binswanger, L. (1970). *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne*. Paris: Gallimard.
- Binswanger, L. (1971). *Introduction à l'Analyse Existentielle*. Paris: Éditions de Minuit.
- Boss, M. & Condreau, G. (1976). Daseinanalyse: como a Daseinsanalyse entrou na psiquiatria. *Revista Daseinsanalyse*, 2, 5-23.
- Boss, M. (2001). Prefácio à primeira edição. In M. Heidegger (Editado por Medard Boss, *Seminários de Zollikon*). (pp. 9-16). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Feijó, A. (2004). Psicologia clínica e o pensamento de Heidegger em Seminários de Zollikon. *Revista Fenômeno Psi*, 2 (1), 9-16.
- Gonçalves, R., Garcia, F., Dantas, J. & Edwald, A. (2008). Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8 (2), 402-435.
- Goto, T. (2007). *A (re)constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl*. Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação

- em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Heidegger, M. (1983) *Heidegger* (Col. Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.
- Heidegger, M. (1989). *Ser e tempo* (Vols. 1-2). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (Editado por Medard Boss). (2001). *Seminários de Zollikon*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heidegger, Martin (2001). (Editado por Medard Boss), *Seminários de Zollikon*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Husserl, E. (1936-1970). *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*. Evanston: Northwestern University Press.
- Husserl, E. (1985) *Husserl* (Col. Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.
- Loparic, Z. (2002). Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo? *Natureza Humana*, 4 (2), 383-413.
- Mattar, C. & Sá, R. (2008). Os sentidos de “análise” e “analítica” no pensamento de Heidegger e suas implicações para a psicoterapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8 (2), 189-200.
- May, R. (Org.), (1986). *Psicologia Existencial*. Porto Alegre: Globo.
- May, R., Angel, E. & Ellenberger, H. (1967). *Existencia*. Madrid: Gredos.
- Merleau-Ponty, M. (1964). *Le visible et l' invisible*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1970). La doute de Cézanne. In M. Merleau-Ponty, *Sens et non sens*. (pp.15-44). Paris: Nagel.
- Moran, D. & Mooney, T. (Ed.), (2002). *The phenomenology reader*. London: Routledge.
- Moran, D. (2000). *Introduction to phenomenology*. London: Routledge.
- Moreira, V. (2001). *Más allá de la persona. Hacia una psicoterapia fenomenológica mundana*. Santiago de Chile: Editorial Universidad de Santiago.
- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume.
- Moreira, V. (2009). *Clínica humanista fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. São Paulo: Annablume.
- Pereira, M. (2001). Sobre os fundamentos da psicoterapia de base analítico-existencial, segundo Ludwig Binswanger. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 4(1), 137-142.
- Sá, R. (2002). A psicoterapia e a questão da técnica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 54 (4), 348-362.
- Tatossian, A. (2006). *Fenomenologia das psicoses*. São Paulo: Escuta.
- Van den Berg, J. H. (1994). *O paciente psiquiátrico*. Campinas: Editorial Psy II.
- Verdeaux, J., & Khun R. (1971). Glossaire. In Binswanger, L. *Introduction à l'Analyse Existentielle*. (pp. 27-37). Paris: Les Éditions de Minuit.

Recebido em 31/07/2009
Aceito em 12/08/2010

Endereço para correspondência: Virginia Moreira. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Psicoterapia Humanista-Fenomenológica Crítica. Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Av. Washington Soares, 1321, CEP 60.811-905, Fortaleza-CE, Brasil.
E-mail: virginiamoreira@unifor.br.